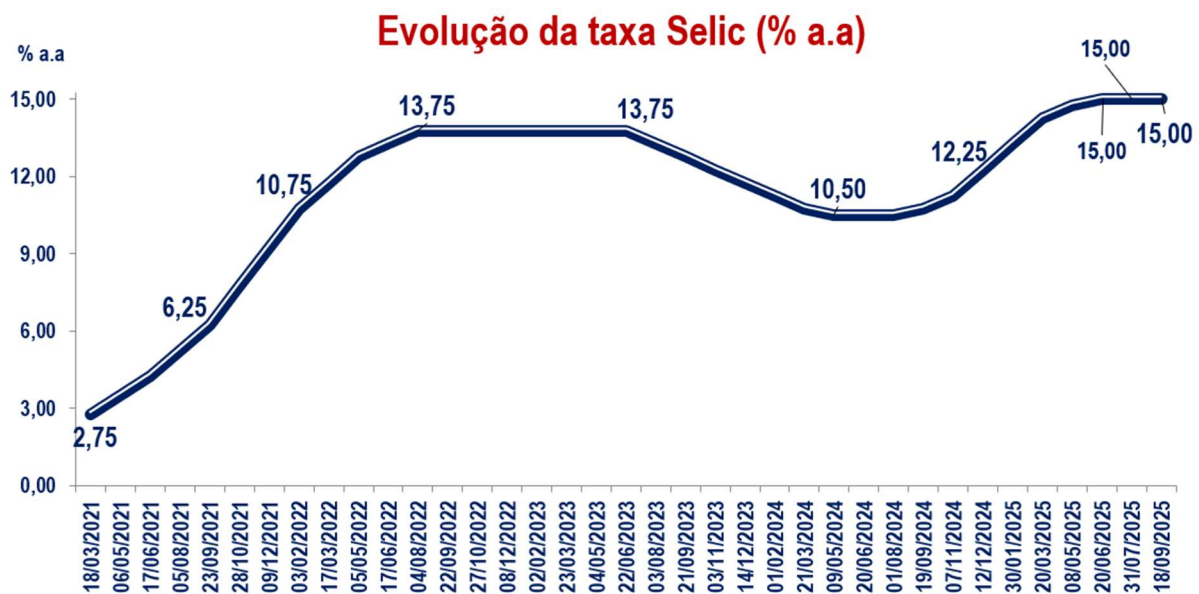


Copom mantém taxa Selic em 15% ao ano

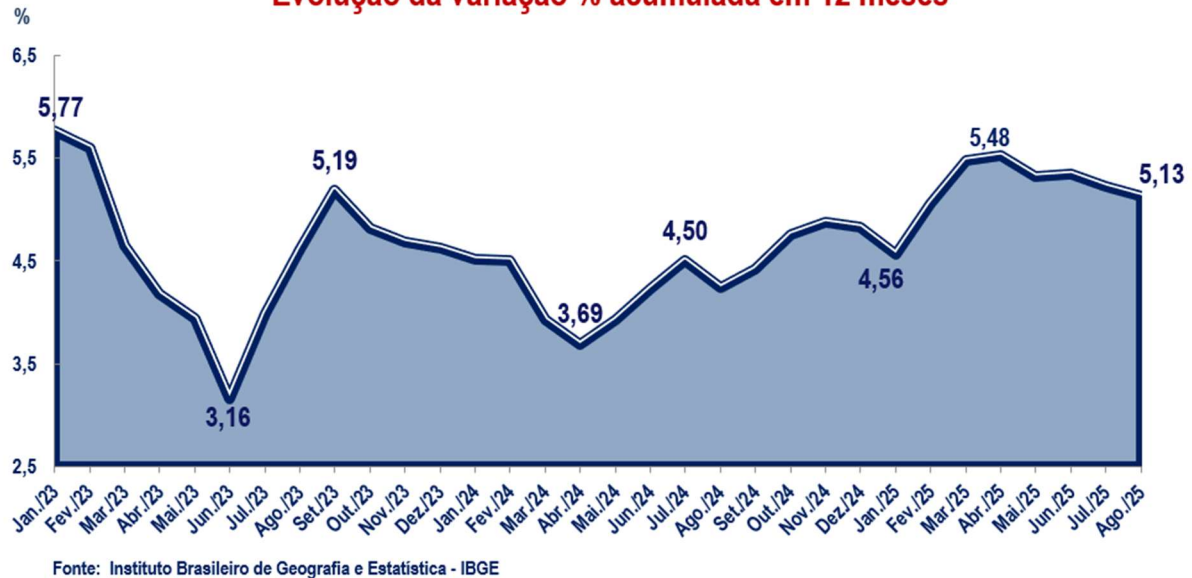
O Comitê de Política Monetária (Copom) manteve a Selic em 15% ao ano (a.a) pela segunda vez consecutiva, conforme já era amplamente aguardado pelo mercado financeiro. Assim, os juros no Brasil permanecem no maior patamar em quase 20 anos. O objetivo do Banco Central é levar a inflação ao centro da sua meta. A manutenção da Selic acontece diante da melhora nas projeções para a inflação em 2025 e dos claros sinais de desaceleração da economia nacional.



Fonte: Banco Central do Brasil.

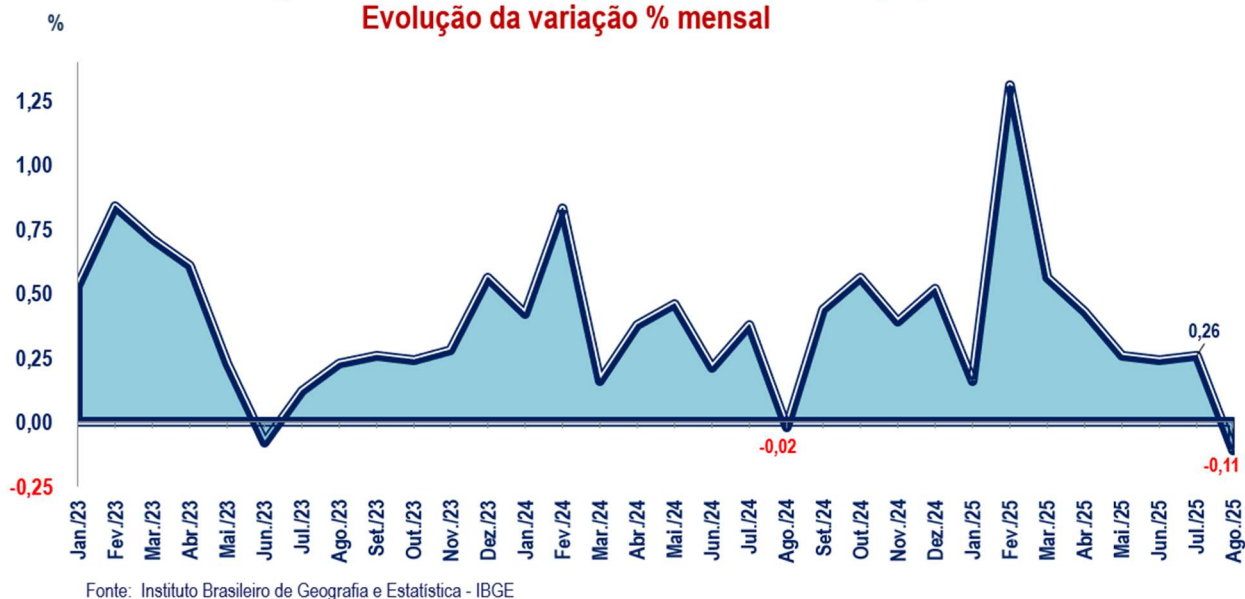
O Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que é o indicador oficial da inflação no País, acumulou, nos últimos 12 meses encerrados em agosto/25, alta de 5,13%, abaixo dos 5,23% registrados nos 12 meses imediatamente anteriores. A meta da inflação no País é 3%, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para mais ou para menos. Ou seja, o IPCA poderá variar entre 1,5% e 4,5%. Pelo sistema de metas contínua, vigente desde janeiro/25, todas as vezes que ele superar o teto, por seis meses consecutivos, o País descumprirá a meta estabelecida. E é o que está acontecendo.

IPCA - Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE) **Evolução da variação % acumulada em 12 meses**

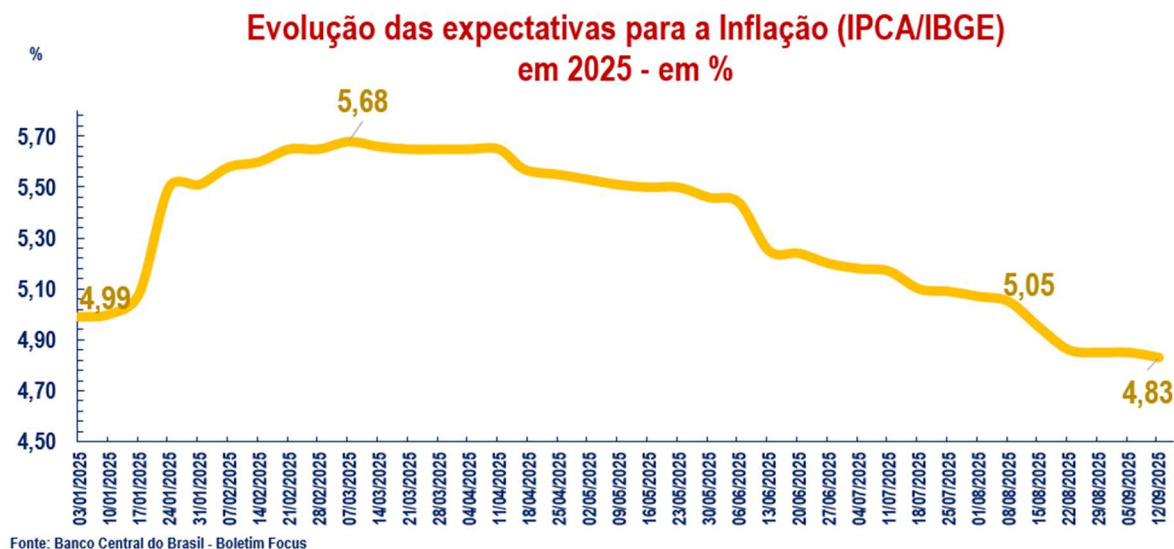


Em agosto/25 o IPCA registrou queda de 0,11%, o primeiro resultado negativo desde agosto/24. Apesar disso, o IBGE informou que o percentual de subitens que apresentaram resultado positivo (índice de difusão) passou de 50% em julho para 57% em agosto.

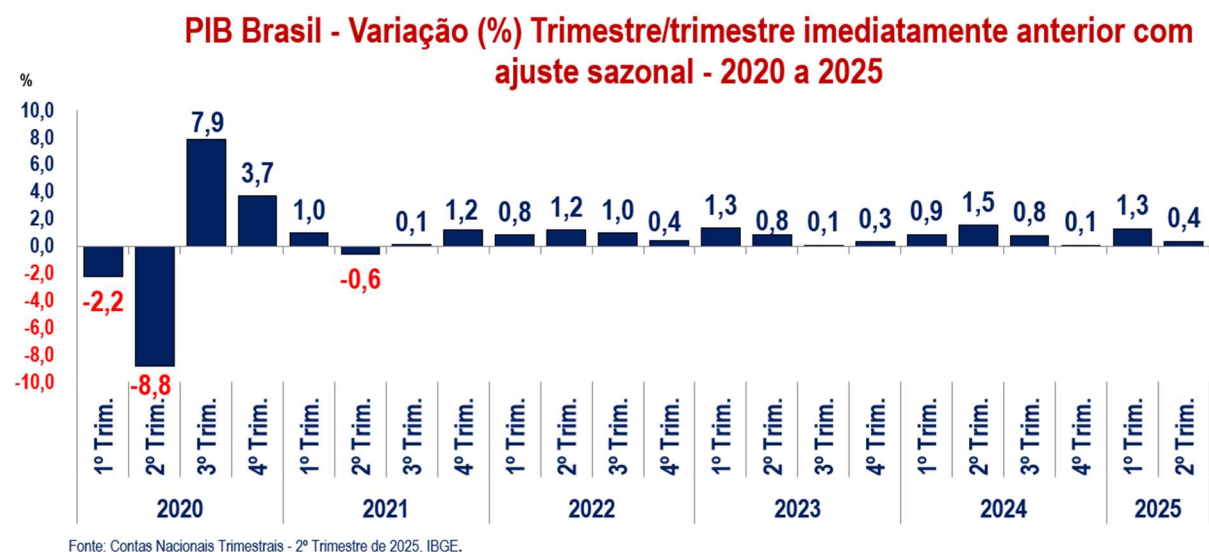
IPCA (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo) **Evolução da variação % mensal**



A Pesquisa Focus, que é realizada semanalmente pelo Banco Central, com analistas do mercado financeiro, em sua edição do dia 12/09/25 projetou que o IPCA encerrará o ano em 4,83%. Em março essa estimativa chegou a ser de 5,68% .



Recentemente o IBGE divulgou os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) referentes ao 2º trimestre de 2025. Eles revelaram que a economia nacional, depois de crescer 1,3% de janeiro a março/25, apresentou expansão de 0,4% no 2º trimestre, em relação aos primeiros três meses do ano, na série com ajuste sazonal, o que evidencia uma desaceleração da economia.



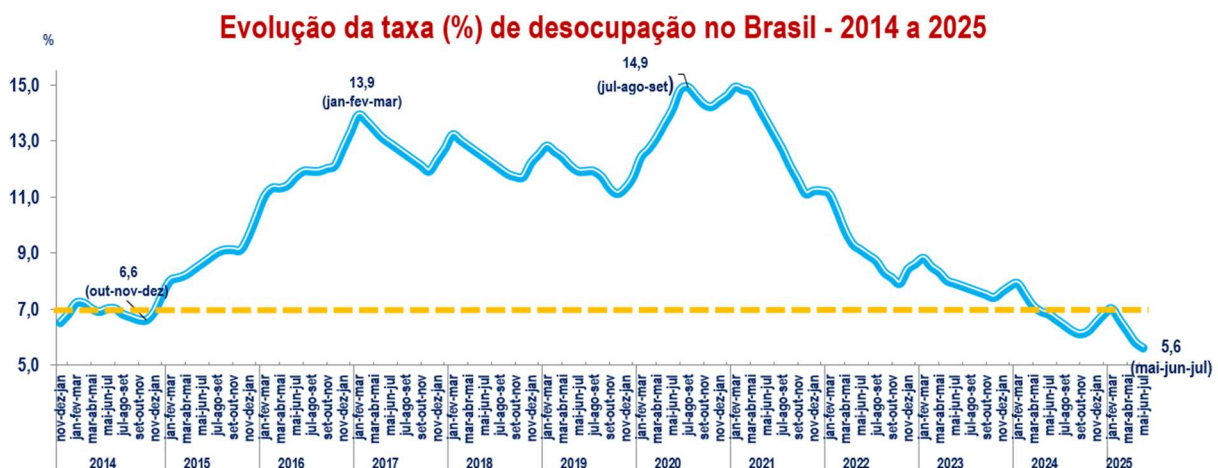
O consumo das famílias, que apresentou crescimento de 1,0%, nos três primeiros meses do ano, apresentou expansão mais modesta no 2º trimestre: 0,5%, o que também demonstra uma desaceleração.

Os sinais de arrefecimento da economia podem ser observados em outros indicadores. O IBC-Br, calculado e divulgado pelo Banco Central, e que é considerado como uma prévia do PIB, iniciou o 3º trimestre do ano com retração. Em julho ele caiu 0,53% em relação a junho, o que correspondeu a terceira queda consecutiva. Todos os grandes setores da economia nacional recuaram. A Agropecuária registrou queda de 0,8% em julho, a Indústria caiu 1,1% e o setor de Serviços -0,2%. Em relação a julho de 2024, o IBC-Br aumentou 1,1%.

Conforme o IBGE, a produção industrial recuou em sete dos 15 locais pesquisados. Em julho, a Indústria nacional caiu 0,2% em relação ao mês anterior. Os recuos foram observados no Paraná (-2,7%), na Bahia (-2,6%), em Minas Gerais (-2,4%), no Pará (-2,1%), no Mato Grosso (-0,16%), na Região Nordeste (-1,1%) e no Ceará (-0,3%).

As vendas do comércio varejista também apresentaram resultados negativos. Conforme a Pesquisa Mensal de Comércio, realizada pelo IBGE, em julho/25, o volume de vendas do comércio varejista caiu -0,3%, em relação a junho, considerando a série com ajuste sazonal. Esse foi o quarto resultado negativo consecutivo. Portanto, os efeitos dos juros altos na economia estão ficando mais claros.

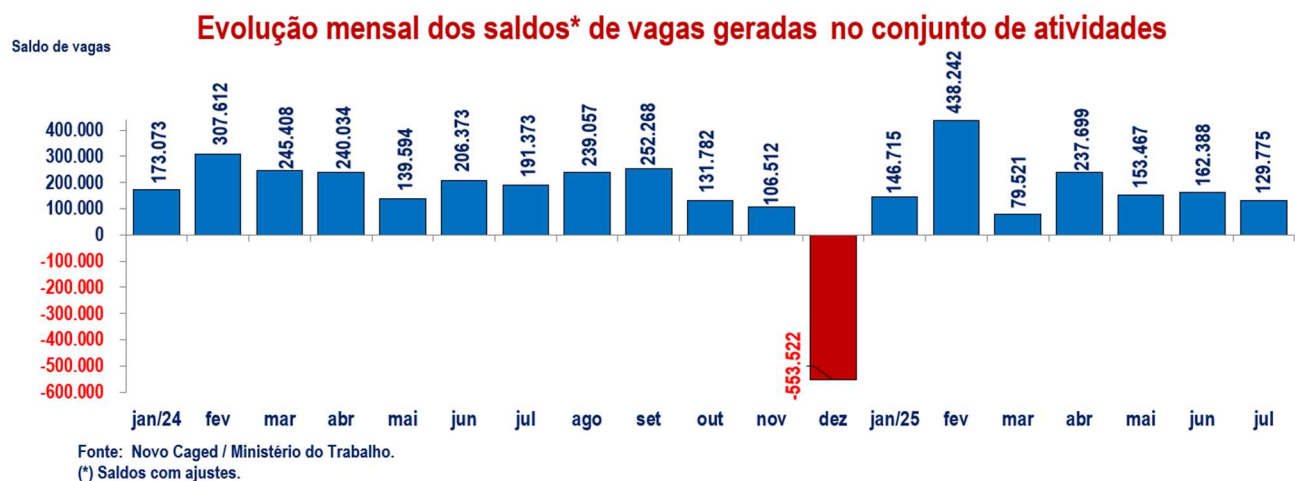
Os resultados mais positivos da economia continuam vindo do mercado de trabalho. Conforme a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Contínua), também divulgada pelo IBGE, a taxa de desocupação no País, no trimestre móvel de maio a julho/25, ficou em 5,6%. É a menor da série histórica que se iniciou em 2012.



Fonte: PNAD Contínua Mensal/IBGE.

A população ocupada no País alcançou recorde: 102,4 milhões de pessoas, enquanto a desocupada correspondeu a 6,118 milhões, o menor contingente desde o último trimestre de 2013, quando alcançou 6,1 milhões. Já o rendimento médio real habitual dos trabalhadores chegou a R\$ 3.484,00, com crescimento de 1,3% no trimestre.

Os dados do mercado de trabalho formal, divulgados pelo Ministério do Trabalho, por meio do Novo Caged, também demonstram uma contínua geração de novos empregos no País. Em julho/25 foram criadas 129.775 novas vagas com carteira assinada. Mas é importante destacar que, apesar do resultado positivo, esse foi o segundo menor patamar do ano.



No contexto dos juros altos também é importante destacar os seus efeitos sobre os setores produtivos na economia. O PIB da Construção, no 2º trimestre/2025, em relação aos três primeiros meses do ano, recuou 0,2%, o que correspondeu a segunda queda consecutiva.



O setor é dependente de crédito e, por isso, o alto patamar dos juros no País atingem suas atividades. Um outro fator importante a ser ressaltado é que os dados do PIB da Construção também envolvem as atividades de pequenas obras e reformas realizadas pelas famílias, que num contexto de juros altos também podem ser afetadas.

Econ. Ieda Vasconcelos